

“Outros Olhares” na 28.^a Edição do Festival Caminhos do Cinema Português

Catarina Maia

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal
maia.catarina@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3820-9881>

RESUMO O Festival Caminhos do Cinema Português celebrou a sua 28.^a edição em 2022, na cidade de Coimbra. Este texto reflete sobre a programação do Festival, debituçando-se sobre a secção “Outros Olhares”, um espaço reservado a abordagens distintas que envolvem a experimentação de novas linguagens cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE Festival de cinema; cinema português; inovação.

Quase a celebrar três décadas, o Festival Caminhos do Cinema Português não mostra sinais de querer abrandar o passo. Em duas semanas, de 5 a 19 de novembro de 2022, distribuídos por quatro salas da cidade – Teatro Académico de Gil Vicente, Casa do Cinema de Coimbra, Auditório Salgado Zenha e Convento de São Francisco –, foram mais de cento e sessenta os filmes que passaram por Coimbra. Entre curtas e longas-metragens, documentários, ficção e animação, o denominador comum deste festival continua a ser a diversidade do cinema nacional – mas não só.

Apesar de voltado para o momento presente – a maior parte dos filmes foram produzidos entre 2021 e 2022 – o Caminhos também olhou para trás. A última edição arrancou com a projeção do filme *Histórias Selvagens* (1978), de António Campos. A propósito do centenário do nascimento do realizador (1922-1999), foi exibida, em estreia mundial, uma cópia restaurada pela Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, no âmbito do FILMar, um projeto de preservação e digitalização do património filmico português que pretende devolver ao público obras com as quais este não teve, na sua grande maioria, contacto direto, como é o caso de *Histórias Selvagens*. Na sessão de abertura do festival, que teve lugar na Casa do Cinema de Coimbra, Tiago Bartolomeu Costa, coordenador do projeto, destacou a importância de se dar a conhecer ao

público uma obra tão singular como a de António Campos, “o mais extraordinário dos realizadores portugueses que ainda não conhecemos”, nas suas palavras.

Quase no pólo oposto, por assim dizer, o Festival apostava também nos criadores de amanhã. Dedicada a filmes produzidos em contexto académico ou de formação técnica e profissional, a secção “Ensaios” oferece-se como montra a realizadores que, trabalhando em Portugal ou no estrangeiro, começam a traçar o seu percurso no cinema. Geralmente, esse percurso inicia-se com uma curta-metragem. Tantas vezes desprezado, o formato da curta-metragem ganha aqui um importante papel impulsor na carreira de cineasta. A este propósito, é de destacar a recente parceria entre os Caminhos do Cinema Português e a Agência da Curta-Metragem com o objetivo de valorizar, através da exibição, este formato, desse modo dando a oportunidade a novos autores de se lançarem no circuito nacional de estreias comerciais. Face ao espaço reduzido (ou mesmo inexistente) de que este formato dispõe na exibição comercial, a programação regular de curtas-metragens (aplicando um bilhete a preço reduzido) vem ampliar as oportunidades de visionamento, aspeto fundamental para o crescimento e reconhecimento de novos realizadores e uma maior pluralidade artística no setor.

Em linha com esta estratégia de diversificação da oferta cinematográfica, o certame oferece aos espectadores várias secções (dentro e fora de competição), tais como a “Caminhos”, principal secção competitiva, os “Filmes da Lusofonia”, “Turno da Noite”, e “Outros Olhares”. Esta última é dedicada a abordagens mais experimentais, novas linguagens e formas de ver o mundo, que, por isso mesmo, gostaríamos de destacar neste texto.

Ainda que ficando aquém da afluência às sessões da principal secção competitiva, os treze filmes que integraram a secção “Outros Olhares” conseguiram captar a atenção de algum público interessado, contando também, por vezes, com a presença dos autores, que puderam conversar com os espectadores. Com abordagens muito distintas, fruto de olhares singulares e subjetivos, os filmes desta secção inscrevem-se num forte registo de cinema autoral. Curiosamente, pareceram partilhar o fascínio pelo retrato de outros artistas associados a outras manifestações artísticas, tais como a música (*Cesária Évora*), a pintura (*João Ayres, Pintor Independente*; e *A Visita e um Jardim Secreto*), e a dança (*Um Corpo Que Dança – Ballet Gulbenkian 1965-2005*). De forma a sintetizar o texto,

concentrar-nos-emos sobretudo no comentário aos três filmes desta secção que foram premiados pelo júri e pelo público: *Objectos de Luz*, de Marie Carré e Acácio de Almeida (“Melhor Filme”), *Luana*, de Maria Simões e Tiago Melo Bento (“Menção Honrosa”), e ainda, *Cesária Évora*, de Ana Sofia Fonseca (“Prémio do Público”).

No primeiro caso, não deixa de ser surpreendente encontrar o veterano Acácio de Almeida, um dos mais importantes diretores de fotografia da cinematografia portuguesa, a estrear-se na realização aos 84 anos. Ao lado de Marie Carré, a sua companheira de longa data, Acácio de Almeida leva-nos a visitar as memórias, construídas através dos mais de cento e cinquenta filmes em que trabalhou com figuras maiores do cinema mundial, tais como Manoel de Oliveira, João César Monteiro, António Reis e Margarida Cordeiro, Paulo Rocha, Raul Ruiz, Alan Tanner, entre outros. *Objectos de Luz* é uma apaixonada homenagem a essa partícula que ilumina o mundo e um tributo também aos atores e atrizes que Acácio de Almeida, através dela, fixou em película durante a sua longa carreira. Esta dimensão quase “didática”, de redescoberta, não colide com a vida própria das imagens que, a todo o momento, escapam do fio da história para nos confrontarem na sua pluralidade e incomensurabilidade, desse modo justificando a seleção do filme para esta secção.

À distância de um oceano, em Cabo Polónio, no Uruguai, vamos encontrar outros rostos e, sobretudo, outras paisagens. A curta-metragem *Luana*, de Maria Simões e Tiago Melo Bento, que mereceu do júri a “Menção Honrosa”, transporta-nos para uma realidade violenta, rude e bela. Através do olhar de uma criança (a menina que dá título ao filme), conhecemos a força dos elementos, a imensidão do espaço e a fragilidade humana. Neste caso, aspectos técnicos, como o granulado da imagem ou a baixa iluminação, funcionam como mediadores que não nos permitem esquecer que um filme é um filme.

Por vezes considerada como a maior das distinções, a escolha do público do Festival Caminhos recaiu sobre um outro filme da secção “Outros Olhares”: o documentário *Cesária Évora*, de Ana Sofia Fonseca, que repetiu o feito conseguido, alguns meses antes, no IndieLisboa: conquistar o coração dos espectadores. Construído com imagens de arquivo inéditas e testemunhos únicos, o filme acompanha as lutas e o sucesso da “Diva dos Pés Descalços”. A desafiar todas as expectativas e estereótipos de uma indústria viciada na juventude, na perfeição física, no estatuto, Cesária Évora continua a ser um ícone de liberdade e garra

que *co-move* quem com ela se cruza, mesmo que seja no ecrã de uma sala escura.

A fechar esta brevíssima resenha, não podemos deixar de elogiar o cineconcerto de Victor Torpedo & The Pop Kids que animou a sessão de encerramento e entrega de prémios, que decorreu a 19 de novembro, no Convento de São Francisco – isto é, na outra margem do Rio Mondego. Numa cidade como Coimbra, que se debate com a eterna dificuldade em unir os seus habitantes em torno de um projeto comum, é de louvar mais este festival, que conseguiu, uma vez mais, aproximar a cidade e as pessoas da grande festa que é o cinema português.

Filmografia

A Visita e um Jardim Secreto. Real. Irene M. Borrego. Cedro Plátano. Espanha / Portugal. 2022. 65 min.

Cesária Évora. Real. Ana Sofia Fonseca. Prod. Ana Sofia Fonseca, Irina Calado. Portugal / Cabo Verde. 2022. 94 min.

Histórias Selvagens. Real. António Campos. Portugal. 1978. 100 min.

João Ayres, Pintor Independente. Real. Diogo Varela Silva. Hot Chilli Films. Portugal. 2022. 52 min.

Luana. Real. Maria Simões e Tiago Melo Bento. Bam Bam Cinema. Portugal/ Uruguai. 2022. 17 min.

Objectos de Luz. Real. Acácio de Almeida e Marie Carré. Bando à Parte. Portugal. 2022. 67 min.

Um Corpo Que Dança – Ballet Gulbenkian 1965-2005. Real. Marco Martins. Prod. Filipa Reis. Portugal. 2022. 127 min.

“Outros Olhares” at the 28th Caminhos do Cinema Português Film Festival

ABSTRACT The Caminhos do Cinema Português Film Festival had its 28th edition in 2022, in the city of Coimbra. This text reflects on the festival’s programme, with a focus on the “Outros Olhares” section, a space reserved for different approaches that involve experimenting with new cinematographic languages.

KEYWORDS Film festival; portuguese cinema; innovation.